

Era uma vez... o uso da história oral nos estudos de gênero

Loreley Garcia
Doutorada em Sociologia/USP
Coordenadora do Nipam - Profª do PPGS e Prodema – UFPB
loreleygarcia@terra.com.br

Resumo

O presente artigo discute o uso da metodologia qualitativa, História de Vida, em estudos de gênero e na pesquisa feminista. O pressuposto é que esse método é apropriado por abarcar a dimensão subjetiva do ator social, possibilitando que a história de um único indivíduo reflita um momento histórico e geracional, revelando os valores de uma sociedade e os processos de mudança social.

Palavras- chave

Estudos de Gênero; Metodologia qualitativa; Identidade.

Abstract

The present article discusses the use of the qualitative methodology – Life history, in Women's Studies and feminist research. This method seems to be appropriate to reach the subjective realm of the social actor, making possible that the only individual reflects an historical moment, disclosing the values of a society and the processes of social changes.

Key words

Women Studies; Methodology; Identity

Introdução

Quem estuda metodologia das Ciências Sociais sabe que a História de Vida passou por um período de descrença, quiçá ligado a sua origem suspeita na Chigago's School. Sobretudo em

nossa latitude, onde o campo do conhecimento restringiu-se praticamente a uma das vertentes da Sociologia em detrimento de outras perspectivas. No entanto, o surgimento de novas temáticas para além de trabalho, sindicatos e movimentos sociais, exigiu novas metodologias e o resgate das que haviam sido rejeitadas como representantes do conservantismo burguês anglo saxão.

Quando a teoria de gênero, entre outras, desponta como tema de estudos no campo das ciências sociais, os esquemas costumeiros de dividir o mundo entre burguesia e proletariado para explicar a totalidade do real a partir de um marxismo rasteiro. Era necessário criar ou adaptar um instrumento teórico que servisse a essa finalidade. A história de vida, o estudo de caso, a técnica do grupo focal e a pesquisa participante mostram-se altamente adequadas a essa finalidade.

Iniciamos um estudo com as histórias de vida de mulheres brasileiras que vivem no exterior, que se tornaram estrangeiras. Estas histórias relatam experiências de adaptação e ajustamento à nova cultura, o choque entre os valores e comportamentos. O objetivo era capturar os processos de construção e desconstrução da identidade; e a posterior reconstrução de outra identidade adquirida na fricção intercultural.

As histórias revelariam as mudanças que passaram ao serem confrontadas não só com outra cultura, como com outro papel feminino num contexto de socialização diverso.

Ser estrangeira implica em um quase renascimento, exige reaprender a viver, a falar, se comportar, absorver códigos, sublinguagem, gestos, e até sentimentos diferentes. Ser estrangeira produz impacto na identidade original, evidencia a inexistência da chamada “atitude natural”, induzindo ao questionamento daquilo que poderia permanecer inquestionável ao longo de toda uma vida, não fosse a fricção intercultural.

As histórias revelam um processo de desconstrução identitária, sobretudo no que tange os papéis sexuais.

Vivendo como estrangeiras, fora do seu nicho, algumas lutam para preservar sua identidade, outras chegam a renegá-la. Umam vieram refugiadas, outras seguindo o marido/família, ou buscando melhores oportunidades, direitos e igualdade de oportunidade. A condição de estrangeira, originária de país pobre, já as coloca, na maioria dos casos, à margem da sociedade dominante e, é neste contexto que reconstróem a identidade, na fronteira entre duas culturas. São mulheres liminares. Existe a oportunidade de ganhar distanciamento crítico da cultura original, valorizar e medir o impacto desta cultura em suas vidas. Têm a possibilidade de experienciar outro modo de ver e estar no mundo. Refazer uma *Weltanschauung*.

Ser estrangeira provoca, além do questionamento diário, a busca de ambientes mais familiares onde sentem-se aceitas. Essa busca pode ser identificada como crise cultural que afeta até os aspectos mais subjetivos, como a espiritualidade (Hayg apud Pearson, 1995).

Algumas estrangeiras tentam resolver a crise rejeitando a nova cultura, recriando condições familiares para viver e justificando sua rejeição com um criticismo sobre o novo local, cultura, *modus vivendi*.

Outras submergem na nova cultura e tentam integrar-se completamente, chegando a renunciar a cultura de origem.

Cedo ou tarde estrangeiras deparam-se com a questão da diferença. Por terem valores e códigos diferentes, as pessoas que não fazem parte da cultura dominante são vistas e tratadas como inferiores ou suspeitas. Isto varia de sociedade para sociedade e de contexto histórico. Não é preciso ser estrangeiro para ser diferente, as minorias nacionais partilham as mesmas restrições.

Tentamos focalizar o momento específico, no processo de reconstrução da identidade frente à perplexidade de um universo cultural distinto, no qual atinge-se o ponto de mutação, o *turning point*, momento do questionamento de valores, papéis, e da socialização aparentemente sedimentada.

As brasileiras vêm de uma sociedade sem tradição democrática, leia-se consciência da cidadania, marcada pela desigualdade monstruosa na distribuição da renda, por alto índice de analfabetismo, onde metade da PEA percebe até um salário mínimo; enfim, uma sociedade machista, sexista, racista, classista e homofóbica.

As histórias descortinam o momento no qual despertam para a luta pelos direitos (*stand up for your rights*). A cultura brasileira não ensina às mulheres se defender, lutar, exigir. Elas crescem alheias a tais atitudes; mesmo se as desenvolvem na vida pública ou profissional, e bastante comum não transpor-las para a vida privada e pessoal.

O modelo de feminilidade proposto pela socialização brasileira cria mulheres passivas, com baixa autoestima, se vendo como frágeis e esperando de alguém que lute por elas, cuide delas, mesmo quando na vida real são as provedoras materiais, mesmo assim permanecem desejando o cumprimento do “destino” feminino.

O uso de experiências individuais, histórias de vida ou diários busca compreender o poder que o indivíduo tem de mudar sua vida e a si mesmo, alterar o seu ambiente, e agir como agente significativo na mudança social.

Historia de vida funciona como base para construção de teorias sobre o papel do comportamento do individuo na mudança cultural e na transmissão da cultura. A partir da historia extraímos três momentos fundamentais:

- a) a construção da identidade na socialização primaria da família e escola, vizinhança.
- b) a desconstrução da identidade – *turning point* , quando tudo que foi internalizado na socialização primaria é questionado.
- c) a reconstrução da nova identidade – o momento do *stand up for your rights*, e o papel essencial dos grupos de apoio e da amizade neste processo.

Em Darder (1995) existe o destaque `a importância de lembrar quem somos, nos alerta para o fato de haver uma amnésia histórica induzida através de políticas e práticas dominantes na cultura pós-moderna. Ela nos convida a escutar os sussurros interiores, dar voz ao silencio das áreas adormecidas da consciência, deixar que despertem. Resistir `a massificação.

O biculturalismo aparece como terreno de contestação da diferença, os grupos subordinados criam espaço publico/ privado onde forjam uma batalha contra as múltiplas faces da opressão que enfrentam no cotidiano.

Biculturalismo significa luta contra as verdades prescritivas, as regras de normalidade e legitimidade que definem ou eliminam a existência cultural e a experiência de vida de um grupo. Os grupos resistem, se opõem, negociam ou aceitam passiva e voluntariamente a assimilação ao modelo dominante.

A adaptação forçada requer novo comportamento, reestruturação e reconstrução do sistema de linguagem, crenças e tradições sociais grupais. Mesmo os resistentes têm consciência de que a nova cultura passou a ser parte integrante de suas vidas.

“Não vamos permanecer os mesmos... ou nos refazemos, ou somos refeitos pelos outros”.(Gonzalo Santos, 1992).

Os grupos constroem espaços coletivos onde podem desenvolver uma solidariedade comunal, revitalizar fronteiras e redefinir o significado da identidade cultural.

A relação racial não é uma questão de cor de pele, mas uma diferença cultural, histórica e política. A definição do que é uma pessoa de cor é relativa, as brasileiras que durante toda vida imaginaram-se brancas, passam a ser enquadradas em outras categorias quando emigram, sendo excluídas da elite racial dominante.

“Lá em casa, passou das seis, é meia noite”. (Nana)

Quem conta um conto

A história de vida capta a dinâmica, as características e parâmetros da cultura individual. Através dela é possível perceber como o sistema sócio cultural afeta o comportamento individual, valores e auto-imagem. Por outro lado, o indivíduo afeta a comunidade em que vive, atuando como uma fonte de mudança cultural significativa. História de vida fornece o aspecto social, o psicológico e a interface entre ambos.

Das narrativas extraímos as bases sociais que formam a identidade, o poder da sociedade em pressionar para o conformismo e o processo de construção identitária através do caminho de menor resistência social.

O estudo da história de mulheres é uma ruptura crítica com uma História que perpetrou o silêncio em torno das histórias pessoais. Silêncio criado quando os que são objeto da pesquisa têm pouco ou nenhum poder na construção do conhecimento.

A Terceira Onda do Feminismo investe na representação e construção de subjetividades que dão significado à identidade das mulheres. A principal ocupação do movimento contemporâneo tem sido a transformação da consciência individual. Trabalha-se para neutralizar um *gap* na identidade – entre público e privado, pessoal e político, teoria e prática - produzido na socialização. Um dos objetivos do feminismo atual é reconciliar as falsas separações.

No universo polifônico que é a sociedade humana, os grupos silenciados precisam conquistar espaço, uma das formas para romper com o silêncio é a história de vida.

Os sem-voz foram silenciados sem consentimento. São pessoas não escutadas porque seus pontos de vista são tidos como não importantes. Calados devido a um estigma social ou status inferior: pobres, mulheres, crianças, deficientes, homossexuais, minorias étnicas, religiosas e um eterno etc.

Para romper com a tradição do silêncio, os pesquisadores buscam um novo conjunto de imperativos na condução das pesquisas com e sobre os silenciados. O conhecimento pode e deve ser produzido, apropriado e utilizado pelas pessoas comuns, produzido num contexto político de solidariedade, mutualismo e relações não hierárquicas.

O objetivo do pesquisador é aprender como a vida dos indivíduos aparece para eles, o poder da cultura e da estrutura social na determinação do comportamento pessoal.

Narrar a própria história implica num processo de racionalização, na medida que projeta o passado à inevitabilidade presente. Neste movimento ressurgem os erros e acertos, as motivações, constituindo um inventário de descobertas e reavaliação. Narra-se como se fora para o outro, narra-se para si mesmo em última instância.

A tarefa científica se reduz ao enquadramento da realidade interior dos informantes na realidade exterior. Trata-se de comprovar como a experiência única é socialmente construída e situa-se dentro de padrões e regularidades social e historicamente previsíveis.

Os métodos tradicionais falham na captura das vozes silenciadas. Para isto é preciso praticar métodos, epistemologias adequadas aos subrepresentados sociais. Tanto história oral, quanto história de vida parecem orientadas a uma ciência com postura de ativismo social.

O pesquisador adquire status de hermenêuta interpretando vozes, ouvindo segredos e problemas, ouvindo com, superando a dicotomia pesquisa e prática, autor e texto, sujeito e objeto.

A experiência vivida, relatos do vivido, a problematização da vida revelam que o mais importante da experiência social é a forma como o ator social vive os processos sociais e entendem o mundo do seu tempo.

Ao escutar desvelamos a lógica oculta de certos comportamentos, podemos analisar como o ato social foi vivido e praticado pelos atores, as diferentes formas de compreensão do real, o social sentido e vivido e seu impacto sobre os indivíduos.

O indivíduo é agente ativo que pode construir seu ambiente ante uma infinidade de maneiras que pode resistir à pressão da sociedade. Ele não é a expressão de relações sociais estruturadas dominantes no sistema social, portador de valores, atitudes e comportamentos. Ele possui sua autonomia pessoal, volitiva, afetiva e subjetiva, e atua num contexto social que perpassa nossos atos, sonhos, delírios, obras, comportamento. A história deste sistema está na história de vida pessoal.

Autobiografias de mulheres seguem padrões particulares. A mulher apresenta o *Self* dividido em camadas, a vida aparece enquadrada em termos de relações com os outros, diferente da narrativa dos homens em vários aspectos. Há uma expectativa social de que as dêem ênfase às relações amorosas, familiares, um suposto aspecto central da existência.

É como se a mulher não tivesse vida própria, mas referida a outras pessoas, um *Self*. Negado. Elas são apresentadas ou como desviantes do papel cultural ou, um suplemento da história masculina. Estas especificidades tornam a experiência feminina única. A vida da mulher é referida a outros, prisioneira do seu gênero, sempre vivendo sob ameaça de degradação, trivialização e descrença por ser mulher.

Na história de vida das mulheres encontramos momentos de descoberta que colocam em xeque a identidade atribuída, produzem uma nova consciência sobre si mesma, assumem um novo papel, propicia o nascimento da solidariedade entre as mulheres,

Uma mulher narrando sua história expõe o *Self* para si mesma, para o escrutínio dos ouvintes, para o mundo e constrói um *Self* a partir da fala.

O aparente silêncio oculta uma subcultura sócio comunicativa feminina que é resgatada na história de vida. A comunicação entre mulheres não segue os padrões normativos da sociedade, nem usa as estratégias masculinas.

A comunicação feminina prefere a intimidade do pequeno grupo onde flui o discurso igualitário (Minister, apud Pathai, 1988). Também Armitage (ibid) observa a existência de uma subcultura feminina desenvolvida através dos tempos, escudo de defesa da dominação masculina.

As histórias de vida revelam como mudaram seus sentimentos, chegando a termos com aspectos da própria personalidade, adquiriram consciência da própria opressão como membro de um grupo sem poder, e como quebram este esquema.

"Depois que recusei a idéia do suicídio e soube que queria viver, nada importava mais de que tomar minha vida em minhas próprias mãos, indo embora, pra qualquer lugar... Não tinha que depender de ninguém". Blanca Gonzáles, índia Guajira, Venezuela.

Mesmo quando a sociedade recusa a importância a seu discurso, elas estão falando, contando histórias, realizando uma catarse que ajuda a sobreviver sob condições desfavoráveis.

Blanca Gonzáles não se calou, quis morrer ao ouvir: "*Eu vou te mostrar quem é o dono da sua vagina*", ter sido estuprada e espancada quase até a morte. E, depois de tudo, devolvida, pelo próprio pai, a seu torturador - o marido. Mas Blanca desistiu de morrer, decidiu viver.

Watson Franke (1988) escreveu a história de Blanca, capturou o momento mágico no qual ela percebe sua solidão e a responsabilidade sobre si mesma. Daí para frente não havia mais chance de retorno, atingira o "*turning point*". A partir de agora teria que assumir suas próprias possibilidades, forjar seu destino a despeito das condições culturais e constrangimentos que aceitara como naturais durante toda a sua vida.

Momento mágico, momento de despertar para os direitos (*stand up for the rights*), ter a oportunidade de forjar uma nova identidade, outra auto imagem, tornar-se uma pessoa que cria seu próprio destino.

Identidades, Construídas e Projetadas

Haug (1992) rejeita a idéia de que as mulheres sejam puras vitimas. Se assim fosse, a mulher não seria um sujeito da ação, nem alguém que toma a ação nas próprias mãos. Seriam as mulheres cúmplices da própria opressão?

Quando uma pessoa adulta recusa desenvolver plenamente suas potencialidades como ser humano para não romper com as estruturas opressivas porque isto implicaria no abandono de uma posição, gera insegurança, essa pessoa atua como cúmplice de sua própria opressão. Não se trata de uma criança indefesa abusada, mas de um adulto realizando uma escolha a partir de suas conveniências, equilibrando desvantagens com vantagens.

O autodesenvolvimento, a emancipação tem um preço, implica em riscos, em questionar valores tradicionais e buscar papéis alternativos. É um processo que requer suporte emocional.

Já dizia Marx que os homens fazem sua historia a partir de condições pré-existentes. As pessoas fazem sua própria historia, a partir das estruturas repressivas pré-existentes, às quais espera-se que correspondam de modo subserviente.

Ocorre que estruturas sobrevivem na medida que são continuamente reproduzidas. Aqueles que tem o poder de reproduzi-las são os mesmos que podem transforma-las. Se a opressão não resulta da coerção física, para manter-se e necessário que haja um mínimo de convivência do oprimido.

Para Haug, ser vitima é também ação, não e um ato de passividade absoluta, nem sequer destino. As mulheres experimentam a opressão no dia a dia, isto compromete sua personalidade que terá traços desta condição. Muitas vezes acabam por torna-se incapazes para a ação, inertes.

A autora questiona : se relações amorosas e a família são a fonte da opressão da mulher, por que aceitar, desejar o casamento ou a maternidade? Seriam cúmplices voluntárias desta situação?

Por outro lado, a maternidade pode ser a fonte da emancipação, fortalecer e dar poder as mulheres, da mesma forma que a participação política, relações de amizade, irmandade, como aprendemos com as historias de vida.

Em algum momento elas despertam para seus direitos, atingem o ponto do não retorno, a irreversível situação de vidente e consciente da responsabilidade sobre seu destino.

Para Haug, o problema de emancipação feminina esbarra no fato de que as mulheres nem sempre fazem o que querem. Assim, devem lutar em dois fronts simultâneos: as estruturas opressivas da sociedade e contra as contradições internas.

Haug desconsidera o papel da ideologia e a naturalização das relações de opressão, as estruturas não serem vistas como construção humana, mas aparecer de forma ahistórica, natural senão divina. É assim, sempre foi, sempre será.

Também desconsidera o fato de que algumas desconhecem a existência sequer das potencialidades humanas inerentes a cada ser. A miséria compromete a humanidade do ser, o entendimento que o mundo civilizado tem de humanidade exclui práticas e comportamentos encontrados nas condições de miséria extrema e desumana. Caminhos nunca vistos, nunca trilhados por quem conhecessem, quando muito uma desviante aventurou-se, conseguindo a difamação que se deve evitar para poder negociar os papéis na estrutura social.

As sociedades latinas são barrocas. O *Weltanschauung* patriarcal atribui sentido positivo às vítimas, torna-as mártires, que merecem admiração e respeito pelo seu sofrimento. A dor purifica, elimina pecados e aproxima do paraíso. Há quem queira ser vítima para merecer respeito, colocar-se em último lugar em nome da família, do amor, vivendo num vale de lágrimas, como nas novelas.

O sofrimento feminino liga-se a Mariolatria. Acima do mundo terreno graças a sua abnegação e sofrimento...Meu reino não é deste mundo.

As histórias de vida revelam mudança no sentimento e na própria personalidade. Mostram que caminhos trilharam até chegar a consciência da própria opressão como membros de um grupo desprovido de poder, quebrando condições opressivas que cegam e perpetuam a assimetria entre os indivíduos de diferentes raças, gêneros, status ou classe.

Sob o prisma do androcentrismo, a questão da mulher era invisível até pouco tempo, o conhecimento sobre elas distorcido, suas vidas e opiniões desimportantes. A mulher tem uma identificação com uma idéia de feminino socialmente desvalorizada sob o patriarcado.

Em Castells (1999), o patriarcado funda a estrutura de toda a sociedade contemporânea. É caracterizado pelo reforço institucional da autoridade do homem sobre a mulher e as crianças no interior da unidade familiar. A instituição patriarcal permeia a organização interina da sociedade, a política e a cultura. Relações pessoais e personalidade estão marcadas pela dominação e violência originadas na cultura e nas instituições patriarcais.

"O núcleo essencial de valores que constituem a identidade surge através da polifonia cultural do feminismo". (Castells, 1999, p.193).

A fêmea natural e biológica é transformada em mulher subordinada. O sexo está para a natureza assim como o gênero está para a cultura, elaborado humanamente com significado atribuído arbitrariamente.

A cultura impõe sentido à natureza, transformando-a no Outro apropriado com usos ilimitados. O discurso cultura/natureza associa a natureza à mulher, a necessidade de subordiná-la a cultura (masculina, ativa, abstrata). A masculinidade é razão, mente e ação; já corpo e natureza estão no domínio do feminino, uma faticidade muda que espera adquirir significado através do sujeito masculino oposto.

Mas qual é a relação entre cultura, identidade e gênero?

Identidade seria a fonte do significado e experiências das pessoas. Identidade atribuída é um processo de construção dos significados baseado na cultura, relacionado a atributos culturais que tem prioridade sobre outras fontes de significado. Pode-se dizer que há pluralidade de identidades.

Como observa Castells, identidade não se confunde com papéis sociais, estes são definidos por normas estruturadas em instituições e organizações da sociedade. Identidades são fonte de significado para os próprios atores e construídas no processo de individuação (Giddens, 1991). A identidade se origina nas instituições dominantes e torna-se identidade somente se, e quando os atores a internalizam e constroem um significado ao redor desta internalização (Castells, *ibid*, p.8).

Identidade é mais forte que papel por causa do processo de autoconstrução e individuação que envolve. Ela organiza o significado, enquanto papéis organizam as funções. Papéis sexuais implicam em comportamento adequado às funções.

O autor destaca o fato da construção social da identidade ter lugar sempre num contexto marcado por relações de poder. Ela é legitimada ao ser introduzida pela instituição dominante com a finalidade de estender e racionalizar sua dominação.

Mas existe também a identidade de resistência gerada pelos atores em posição desvalorizada ou estigmatizada dentro da lógica da dominação. Este é o caso do movimento negro, o resgate da identidade étnico/racial de autóctones, ou do mundo muçulmano.

Existe ainda a identidade projetada que o ator constrói, uma nova identidade que redefine a posição social e busca a transformação da estrutura social como um todo.

Para Butler (1990), a desconstrução implica na recusa do papel do Outro que legitima a identidade hegemônica do Mesmo. Recusa de aceitar as identidades prescritivas na criação de identidades pessoais e coletivas.

O que se observa como padrão é que a identidade tradicional outorgada em sociedades patriarcais produz um sentimento de baixa auto-estima nas mulheres. Este é o ponto central. No processo de desconstrução da identidade, o quantum de auto-estima se altera, na identidade reconstruída aprendem a gostar-se e respeitar-se mais, ter autoconfiança, justamente por ter sido capaz de romper com o modelo dominante.

O que nos interessa é entender a lógica da opressão na formação da identidade, a ruptura dolorosa que é a desconstrução, aqui denominada de momento do “*stand up for your rights*”; e da reconstrução de uma identidade escolhida, forjada a partir da ressocialização nos grupos comunitários. O papel dos grupos, da amizade no *gap* entre duas culturas, é fundamental na reconstrução da identidade.

Amizade entre mulheres envolve a partilha de auto revelação, enquanto homens ocupam-se de atividades em conjunto. As mulheres são amigas face a face e os homens companheiros lado a lado (Hays, 1995 apud Pearsons). Amizade entre mulheres é mais profunda e envolvente, por isto há mais intimidade entre elas, a partilha baseia-se em confiança e lealdade. Estar juntas, só pra conversar é prática feminina por excelência.

A amizade é fundamental para a emancipação da mulher, rompe com a imagem patriarcal das mulheres inimigas competindo entre si. Amizade é fruto da escolha, baseada na partilha de interesses e valores, afeição e respeito mútuos.

Para Butler, a identidade não determina quem somos. Transitamos em meio a identidades parciais, desconstruir identidades tradicionais significa democratizar as diferenças e tirar a mulher do lugar de Segundo Sexo. A desconstrução é a inversão dos significados.

A abordagem da identidade individual feminina ou das minorias se dá de forma enviesada e nunca por inteiro na medida em que a mulher não assume uma identidade individual por ser reportada a seu gênero, raça, cor e status. Aqueles que personificam categorias culturais privilegiadas na cultura ocidental são os que podem pensar em si mesmos como indivíduos: homens, brancos e heterossexuais.

A nova versão de biografia usada pelas autoras que estudam negras e latinas não quer criar um *Self* monolítico, mas explicar o processo da construção nos grupos oprimidos, cujas identidades políticas não se separam das condições objetivas. (Torres, in Pathai 1988, p.274).

Um ativismo radical político se desenvolve quando a pessoa começa a entender a dinâmica da opressão na vida cotidiana. Entendendo as bases da própria dor, consegue se conectar à dor

alheia e estabelecer o sentimento de compaixão. O papel da amizade é essencial na construção da biografia de mulheres que lutam por emancipação.

“A veces no soy nada, ni nadie. Pero hasta cuando no lo soy, lo soy. (Anzaldúa, 1988, p.278).

Para Moraga e Anzaldúa o processo de emancipação inicia-se a nível pessoal, busca chegar a termos com a contradição inerente ao próprio ser, amplia-se e conecta-se a outras pessoas com vivência semelhante.

“Elas recusam ignorar quem são, interpretam varias partes de sua experiência individual e histórias coletivas pra criar um novo Self”. (ibid, p. 283).

E a Sociologia com isto?

No interacionismo simbólico, o objeto essencial da pesquisa sociológica e a concepção que os atores fazem para si do mundo social.

O conhecimento sociológico ‘e revelado na experiência imediata, nas interações cotidianas, sempre do ponto de vista dos atores, do sentido que atribuem aos objetos, situações e símbolos com que constroem seu mundo social.

O ator tem papel criativo na construção de sua vida cotidiana, nos detalhes da construção de objetos sociais e interações preches de significado.

Lopes (2002) considera a sociologia reflexiva como aquela capaz de abranger tanto o campo da teoria feminista, quanto dos estudos multiculturais e a questão dos deslocamentos.

Bauman (apud Lopes, op.cit) trata o nomadismo como possibilidade ontológica que precisa ser considerada. Se as culturas viajam com as pessoas, a relação com o Outro, a fricção entre culturas passa a ser foco da sociologia necessária para análise do novo século.

Nomad, you are the spirit that men fear in us...

You are the keeper of the mystery in your hands

Nomad rider of the ancient east

No man's ever understood your genius (1)

Para Bauman, a globalização nos torna turistas ou vagabundos, a mobilidade estendeu suas malhas e estruturas por todo o social contribuindo para redefinir experiências de sociais que superestruturam nossa personalidade (ibid).

As migrações de gênero são analisadas por Sassen (2000, p.5), na perspectiva feminista da análise dos fluxos migratórios ocorre o empoderamento das mulheres na prática da migração. A mulher teria capacidade de resgatar os laços comunitários e se fazer ativa tanto nas instituições públicas como nas privadas e na comunidade étnica.

Em Castells (1999) o fluxo migratório 'é elemento central da vida social numa sociedade de informação. Ele aponta uma fragilidade na base epistemológica da sociedade tradicional que gera dificuldades para absorver o nomadismo como objeto de estudo.

Quando a mobilidade torna-se a referência da investigação social e não mais as sociedades, as ciências sociais são desterritorializadas, o olhar sobre um processo desnaturalizado, complexifica a análise dos fenômenos atuais (Beck apud Lopes, 2002 e Castells, 1999).

Para Lopes, a globalização não 'é novo começo das relações sociais. Afinal, as pessoas sempre estiveram ligadas a distância, a co-presença sempre foi uma modalidade possível de relação, *“mas a co-presença não 'é só ela o alicerce da vida da comunidade, sociedades se reproduzem e reproduzem atores de sociabilidades ancoradas em diferentes formas de mobilidade, ou de apropriação do espaço”*. (Lopes, 2002)

A sociologia das condições de mobilidade no mundo globalizado implica na deserção da suposta segurança ontológica, exige coragem para abandonar modelos confiáveis e disposição de mover-se em terras estranhas, assim como faz o estrangeiro.

Bibliografia

Abu – Lughod, Lilá – Writing Womens Worlds.

Berkeley, U. C. Press, 1993

Acevedo, Luz de Alba & Latina feminist Group – telling to live: Latina Feminist Testemonios.

Durham, Duke University Press, 2001

Andrews, Peggy – Sisters to Sisters. Women of World share stories of Personal Empowerment.

Westport, Bergin and Garvey, 1996

Anzaldua, Gloria & Moraga, Cherrie – This Bridge called my Back.

Boston, Persephone Press, 1981

Behar, Ruth & Gordon, Deborah – Women Writing Culture.

Berkeley, UCPress, 1995

Behar, Ruth – Translated Woman: Crossing the border with Esperanza story.

Beacon Press, 1993

_____ The Vulnerable Observer: anthropology that breaks your heart.

Boston, Beacon Press, 1996

Benjamin, Walter – The Storyteller, in Iluminismus.

New York, Schocken Books, 1968 p.83;110.

Bosi, Ecleia – Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos.

São Paulo, T. A. Queiroz, 1979

Brettel, Caroline – We have already cried many tears: Portuguese women and migration.

Cambridge, Schenkman Pub. 1982

Butler, Judith – Gender Trouble: Feminism and the subversion of identity.

New York, Routledge, 1990

Castells, Manuel – The Power of Identity.

Cordova, Victor – Histórias de Vida. Uma metodologia alternativa em Ciências Sociais.

Caracas, Fondo Editorial Tropiccos, 1990

Crapanzano, Vincent – Life Stories A Review Essay: American Anthropologist.

86:953 – 60,1984.

Darder, Antonia – Culture and Difference: critical perspective on the bicultural experiences.

New York, Burgen and Garvey, 1995

Davis H. & Harvey E. – Redefining Sexual Ethics.

Cleveland, Pilgrim Press, 1991

Garcia, Loreley – Tecendo fios entorno de Frigga Haug

In Caos Revista Eletronica de Ciencias Sociais, marco 2004.

Giddens, Anthony. Modernity and Self Identity. Cambridge: Polity, 1991.

Gonzalo, Santos. Global Singularities, Repetited Diversities in Revista de Ciencias Sociales y Humanidades, n.1 ano1.

Haug, Frigga – Beyond Female Masochism.

London, Verso, 1992

_____ Female Sexualization – A colletive work of memory.

London, Verso, 1987

Kannonier, Finster & Waltraud & Ziegler, M.— Frauen, Leben in Exil.

Wien, Boehlan Verlang, 1996

Lamas, Marta (org) – El Genero: la construccion cultural de la diferencia sexual.

México, M. A. Porrúa – UNAM, 1997

Lamphere, Louise & Rosaldo, Michelle – Gender and Culture in Everyday Life.

New York, Routledge, 1997

Woman, Culture and Society.

Stanford University Press, 1980

Lopes, Edmilson — Aportes para uma sociologia do deslocamento e das culturas moveis

Textos NEPO, 2002

Mc Laughlin D. & Tierners W. – Naming Silenced Lives. Personal Narratives and Process of Educational Change.

New York, Routledge, 1993

Meis, Maria – Toward a Methodology for feminist Research in Theories of Womens Studies.

London, Routledge & Kegan Paul, 1983

Mohanty, Chandra – Third World Women and Politics of Feminism.

Bloomington, Indiana University Press, 1991

Patai, Dafne – Brazilian Women Speak: contemporary life stories.

New Brunswick, Rutgers University Press, 1988

_____ Woman Words: the feminist practice of oral history.

New York, Routledge, 1991

Pearson, Judy & West, R., Turner L.— Gender & Communication.

Broene Bluchmark, 1995

Personal Narratives Group – Interpreting Women Lives – Feminist Theory and Personal Narratives.

Bloomington, Indiana University Press, 1989

SASSEN, Saskia. “Mas por que emigram?,” in Le Monde Diplomatique, ano 1, n.10.2000

Trujillo, Carla – Living Chicana Theory. Berkeley, Third Women Press, 1998

Watson-Franke, Barbara & Watson, L. – Interpreting Life Histories – an anthropological inquiry. New Jersey, Rutgers University Press, 1985.